

OS FUNDAMENTOS METAFÍSICOS DE TOMÁS DE AQUINO A PARTIR DA OBRA *DE ENTE ET ESSENTIA**

THE METAPHYSICAL FOUNDATIONS OF THOMAS AQUINAS FROM THE WORK DE ENTE ET ESSENTIA

Pedro Rodolfo Fernandes da Silva¹

Sadoque Lee Melo Vieira²

Resumo: No *De Ente et Essentia*, Tomás de Aquino apresenta sua metafísica de modo pedagógico e sintético. Ao conceber o ente e a essência como aquilo que primeiro é conhecido pelo intelecto, Tomás de Aquino estabelece o núcleo de todo seu pensamento filosófico: o ser. Para essa investigação, Aquino define o método a ser seguido: partir das substâncias compostas, uma vez que essas são as que o conhecimento natural e espontâneo do homem capta de modo imediato, para, assim, chegar às substâncias menos acessíveis à faculdade cognitiva, isto é, às substâncias simples. No decurso do texto, Aquino apresenta os fundamentos de sua metafísica, a saber: o princípio de individuação pela matéria assinalada; a doutrina da essência absolutamente considerada; as substâncias separadas e a realidade cuja essência é seu próprio ser: Deus. O presente artigo tem por objetivo investigar os principais conceitos da metafísica de Tomás de Aquino a partir da obra *De Ente et Essentia*, bem como suas principais influências filosóficas, como Aristóteles e Avicena, que contribuíram para a fundamentação da sua obra.

Palavras-chave: metafísica; substância; ente; essência.

Abstract: In *De Ente et Essentia*, Thomas Aquinas presents his metaphysics pedagogically and synthetically. By conceiving the being and the essence as that which is first known by the intellect, Thomas Aquinas establishes the core of all his philosophical thought: the being. For this investigation, Aquinas defines the method to be followed: starting from the composite substances, since these are the ones that man's natural and spontaneous knowledge grasps immediately, to arrive at the substances less accessible to the cognitive faculty, that is, the simple substances. In the course of the text, Aquinas presents the foundations of his metaphysics, namely: the principle of individuation by the signate matter; the doctrine of essence absolutely considered; the separate substances, and the reality whose essence is his own existence: God. This article aims to investigate the main concepts of the metaphysics of Thomas Aquinas from the work *De Ente et Essentia*, as well as his main philosophical influences, such as Aristotle and Avicenna, which contributed to the foundation of his work.

Keywords: metaphysics; substance; being; essence.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas - UFAM; <http://lattes.cnpq.br/3181260521011038>; pedrofernandes@ufam.edu.br.

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. <http://lattes.cnpq.br/1314013912263989>; sadoque_lee@hotmail.com; (92) 98274-8765.

*O presente artigo resulta de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

O texto e o contexto

A redação da obra *De Ente et Essentia* se insere no contexto em que Tomás de Aquino exerceu a docência na qualidade de bacharel sentenciário³ na Universidade de Paris, nos anos de 1252 a 1256, quando também escreveu outras obras de relevância como o *De Veritate* e os *Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo* (MANSER, 1947, p. 6). Portanto, trata-se dos primeiros anos de ensino em Paris (TORRELL, 2004, p. 43-45), que se encontrava num clima intelectual agitado em decorrência das disputas entre as ordens mendicantes e do debate sobre o lugar que o pensamento de Aristóteles deveria ocupar no ensino. Aliás, a *Metafísica* de Aristóteles ocupa lugar central dentre as referências de Tomás de Aquino.

Para Aristóteles, a “Filosofia Primeira”, chamada posteriormente de *Metafísica*⁴, possui diversas definições: ciência mais elevada, superior a qualquer outra (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 2, 983a 10); ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios; ciência do ser enquanto ser, isto é, do ser abstraído de toda e qualquer materialidade e individualidade. A investigação sobre o ser conduz ao estudo de uma variedade de conceitos e princípios inerentes ao próprio ser, tais como: substância, acidente, essência, matéria, forma etc.

As obras de lógica e retórica eram, praticamente, as únicas de Aristóteles conhecidas no ocidente medieval até o século XII. A partir do século XIII, há um florescimento filosófico-científico devido a vários fatores como, por exemplo, a criação das universidades e o contato com obras filosóficas desconhecidas até aquele momento (REALE, 2005, p. 189). É nesse contexto que, por meio dos árabes, outras importantes obras do Estagirita, como a *Física* e a *Metafísica*, chegaram aos filósofos medievais ocidentais.

Tomás é fortemente influenciado pela filosofia de Aristóteles e, em grande parte, pelo pensamento de Avicena (SANTOS, 2012, p. 51), se valendo da filosofia do Estagirita em suas principais teses metafísicas. Entretanto, Tomás não se limita a ser um

³ Bacharel sentenciário é um assistente de um professor mestre, ou seja, é alguém que está em vias de obter o grau de mestre para, assim, assumir uma cátedra. Recebe esse nome porque, enquanto bacharel e realizando o estudo para obter o grau de mestre, tem de comentar as *Sentenças* de Pedro Lombardo, uma espécie de manual de teologia da época.

⁴ Nome dado por Andrônico de Rodes (século I a.C), o qual organizou a primeira edição complexiva dos tratados de Aristóteles, Cf. BERTI, 1998, p. 43.

mero repetidor ou comentador de Aristóteles⁵. Apoiado na metafísica aristotélica, constrói a própria. Sobre isto, diz Hugon: "Não se pode deixar de reconhecer que S. Tomás seguiu as trilhas de Aristóteles, mas ele reformulou de tal modo os ensinamentos do Estagirita, que arquitetou uma outra filosofia" (HUGON, 1998, p. 12).

O pensamento do Aquinate se mostra dominado por sua concepção de ser (GILSON, 1951, p. 45), por isso se diz comumente que ele elaborou uma filosofia do real e do ser (HUGON, 1998, p. 13; GILSON, 1962, p. 130). O opúsculo *De Ente et Essentia* (*O Ente e a Essência*)⁶ além de ser um manual de introdução à *Metafísica* de Aristóteles, nele também se encontram os fundamentos da metafísica de Tomás de Aquino, o que faz este opúsculo ser uma fonte extremamente importante para o conhecimento das posições filosóficas de Tomás (WIPPEL, 2000, p. xix).

No *De Ente et Essentia*, Tomás perpassa, de forma clara e sintética, por várias questões metafísicas como a distinção entre substância e acidente; a distinção entre substâncias simples e composta; princípio de individuação, abordando, ainda, questões lógicas e gnosiológicas. Entretanto, a definição do ente e essência, e como esta última se encontra nos diversos entes, é o guia que norteia toda a obra e a partir da qual toda ela se desenvolverá.

Ao que tudo indica, Tomás usa como referência o livro Z da *Metafísica* de Aristóteles, pois há semelhanças na ordem dos temas, na metodologia e nas soluções apresentadas entre as duas obras, principalmente nos capítulos I, II e III. Em todo o opúsculo é possível notar também uma forte influência da filosofia de Avicena.

O *De ente* se divide em seis capítulos. De maneira breve, pode-se aqui destacar:

Capítulo I: significado de ente e de essência.

Capítulo II: trata das essências nas substâncias compostas e simples, bem como da essência do gênero e da espécie, e do princípio de individuação.

Capítulo III: trata da relação da essência com as intenções lógicas.

Capítulo IV: trata do modo de como há essência nas substâncias separadas, na alma, nas inteligências e em Deus.

Capítulo V: trata da essência de Deus e trata das substâncias intelectuais.

⁵ Sobre as similaridades e diferenças filosóficas entre São Tomás de Aquino e Aristóteles, Cf. OWENS, 1993, p. 39-59.

⁶ Para as referências e indicações dos parágrafos utilizar-se-á a seguinte referência: TOMÁS DE AQUINO. *O ente e a essência*. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

Capítulo VI: trata de como a essência se encontra nos três tipos de seres: em Deus, nas inteligências e nas substâncias sensíveis.

Tomás inicia o *De ente* com um breve prólogo destacando os temas a serem tratados, quais sejam, o significado do nome de essência e ente, como se encontra em diversos e como está para as intenções lógicas. Para tal investigação, Tomás propõe um método a ser seguido que é começar do mais acessível ao conhecimento para se chegar ao menos acessível.

Para Tomás, o mais acessível, ou mais fácil na ordem do conhecimento, não se refere ao mais simples ou primeiro na ordem do ser, pois, nesta última, o mais simples se mostra menos acessível às faculdades humanas do que aquilo que é composto.

Ainda no Prólogo, Tomás faz uso de uma tese do filósofo árabe Avicena encontrada na sua *Metafísica* (AVICENA, *Metafísica* I, 6, 72b, A, apud TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 13), segundo a qual o ente e a essência são o que é primeiro concebido pelo intelecto. Com isto, Tomás não quer dizer que essas noções são formadas explicitamente pelo indivíduo antes de qualquer outra (GILSON, 1992, p. 3), ou seja, não se trata do aspecto cronológico da origem das ideias. A intenção de Tomás é afirmar a universalidade da noção de ser, embora tal noção seja concebida ainda de forma implícita e confusa em todo conhecimento da realidade e só por meio de uma reflexão filosófica é que ela adquire toda sua significação. Assim, estabelecendo a primazia do ente e da essência no intelecto, Tomás estabelece também um princípio epistêmico.

Conceitos fundamentais da metafísica tomista

Tomás começa o primeiro capítulo partindo de uma importante passagem da *Metafísica* de Aristóteles na qual se encontra a doutrina da plurivocidade do ente (ARISTÓTELES, *Metafísica* V, 7, 1017a, 22), ou seja, os diversos modos de se dizer o ente. Segundo Tomás, “[...] o ente por si se diz de dois modos” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 13). Com isso, ele afirma que o ente não se diz apenas em um sentido, mas que cada ente possui um sentido próprio: João e planta, por exemplo, são ditos entes, porém não de maneira absolutamente idêntica. Assim, Tomás rejeita a maneira unívoca de se conceber o ente. No entanto, não se trata também de dizer o ente de uma maneira

equivoca (JOLIVET, 1965, p. 207-208), o que levará Tomás a desenvolver a doutrina da analogia do ente (*analogia entis*), fundamental para a metafísica tomista, em especial em sua Teologia Natural, que consiste em entender o conceito de ente como uma noção que se aplica em diferentes seres particulares num sentido diferente e relativamente o mesmo.

Ainda no parágrafo 3, Tomás menciona o “ente por si” (*ens per se*) a fim de contrastar com o “ente por acidente” (*ens per accidens*), seguindo Aristóteles, para quem “o ser se diz em sentido acidental e por si” (ARISTÓTELES, *Metafísica* V, 7, 1017a, 7-25). Ser um músico, por exemplo, é uma característica acidental de homem. A razão de começar pelo “ente por si” está no fato de que, para Tomás e Aristóteles, não pode haver ciência a respeito do ente como acidente, pois o ente dito deste modo pode receber indeterminadas significações, e a ciência é conhecimento daquilo que é necessário.

É importante esclarecer uma questão linguística que pode dificultar uma compreensão mais exata da metafísica tomista: trata-se da palavra “ente” (*ens*), particípio presente do verbo “ser” (*esse*) (KOVAS, 2011, p. 43). Frequentemente, as duas palavras (ente e ser) são tomadas como sinônimos, mas no vocabulário tomista elas possuem significados filosóficos particulares. Ente (*ens*) significa “aquilo que existe”, “aquilo que é” (*id quod est*). Ente (*ens*) significa, ainda, “o que tem o ato de ser” (*actus essendi*), por fim, um ente é o que possui ser (*habens esse*) (KNASAS, 2003, p. 174). Desse modo, é importante distinguir o “*esse*” (ser), que é o fundamento ontológico do ente, do próprio “*ens*” (ente). O *esse* (ser) é um ato, enquanto o *ens* (ente) é um estado (GILSON, 1951, p. 53).

Embora não seja abordado diretamente nesse opúsculo, tais considerações levarão ao *Ente Primeiro* no qual o *esse* (ser) já não é mais “possuído” (*habens*), mas é subsistente (*subsistens*), puro *Esse*, ou seja, Tomás chegará ao *ipsum esse subsistens* (ser subsistente por si mesmo) (KNASAS, 2003, p. 212). Francisco Benjamin de Souza Neto, na introdução do *De ente*, comenta:

É possível divisar, nesta altura do *De ente et essentia*, a Metafísica subjacente às cinco vias. Para além da forma, é divisado o ser, ESSE e não ENS. A argumentação pressupõe a teoria geral da substância, até aqui exposta, ainda que de forma concisa: tudo o que não é o seu *esse*, recebe-o: ora, o Ato Puro, pressuposto pela própria atualidade do possível, da matéria à forma desta

isenta, por definição não é receptivo, porque isento de toda passividade; logo é puro ESSE. [...] Insusceptível de ser recebido, tal *esse* não pode ser o ser do mundo como totalidade nem multiplicar-se. (SOUZA NETO *apud* TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 9)

Segundo Tomás, os dois modos de dizer o ente são: “[...] de um modo que é dividido por dez gêneros; de outro modo, significando a verdade das proposições” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 14). Estes gêneros são: substância, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, tempo, lugar, posição, hábito. Destas, a substância possui maior relevância, já que os outros predicados são tidos como acidentais em graus diferentes (KOVAS, 2011, p. 49). É por essa razão que Tomás irá dizer que o “ente se diz de maneira absoluta e por primeiro das substâncias e, posteriormente e como que sob um certo aspecto, dos acidentes” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 15).

O ente, dito do segundo modo, refere-se a tudo aquilo a partir do qual se pode formar uma proposição, mesmo que não acrescente algo real à coisa. Desta forma, as privações e negações são entes. Na proposição ‘a cegueira está no olho’, tomamos ‘cegueira’ como ente, designando a privação da finalidade do olho, que é enxergar.

Tomás destaca ainda que o nome de essência só deriva de ente dito do primeiro modo e não de ente do segundo modo (significando a verdade das proposições), pois as negações e privações (cegueira; nada; mal) não possuem essência.

Tendo conceituado os dois modos de dizer o ente, Tomás detalha a noção de essência: “[...] é preciso que a essência signifique algo comum a todas as naturezas, pelas quais os diversos entes são colocados em diversos gêneros e espécies” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 14). Assim, o ente é o que tem ser, porém, concebido somente por esta característica de “possuir ser”, o ente ainda é, de certa forma, indeterminado ontologicamente⁷, tornando-se passível de ser posto num determinado gênero e espécie (KOVAS, 2011, p. 61), e é justamente a essência que irá realizar esta determinação (HUGON, 1998, p. 50), e uma vez sendo colocado num gênero e espécie, pode-se responder à questão “o que é” (*quid est*) aquele ente: “é pedra”, “é homem”, “é planta”, etc.

Nos parágrafos 5 e 6, Tomás traça outros nomes que a essência pode ter: 1) “definição”, significando a essência de algo por meio de seu gênero próximo e diferença

⁷ Apenas de modo abstrato é possível conceber um ente sem essência, uma vez que esta é princípio constitutivo e necessário do ente. A essência é princípio de inteligibilidade, “pois, a coisa não é inteligível senão pela sua definição e sua essência” (*De ente*, 5§).

específica; por exemplo, a definição de homem: “animal racional”, em que “animal” é o gênero próximo e “racional”, a diferença específica; 2) “*quididade*”, enquanto responde a pergunta “o que é” (*quid est*); 3) “forma”, pois de acordo com Avicena, a forma expressa a certeza de qualquer coisa; 4) “natureza”, de acordo com Boécio, significando tudo aquilo que é captado pelo intelecto e também enquanto expressa o princípio intrínseco de atividade ou operação. A partir disso, Tomás apresenta sua própria definição de essência: “[...] é dita essência na medida em que por ela e nela o ente tem o ser” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 15). Essa definição própria do Aquinate faz com que a *essentia* (essência) não seja meramente uma atribuição nominal, mas a causa intrínseca do ente; tudo o que é, que existe, que tem ser, possui uma essência.

Desse modo, pode-se notar que a doutrina da distinção entre ser (*esse*) e essência (*essentia*) é de suma importância para o pensamento tomista. Tal doutrina já é encontrada em Avicena, porém para esse não há propriamente uma distinção real (KOVAS, 2011, p. 76). No entanto, em Tomás, esta diferença de concepção irá diferenciar o ser de Deus do ser dos demais entes.

Nos parágrafos 7 e 8, Tomás ressalta algumas considerações sobre ente, substância e essência. Ente se diz de modo absoluto e, por primeiro, das substâncias e, sob certo aspecto, dos acidentes (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 15). A substância é ente enquanto sujeito apto a existir por si (TOMÁS DE AQUINO, 2001 p. 99) e é somente por ela que os acidentes existem, ou seja, são entes. Por isso, há essência própria e verdadeiramente nas substâncias, e de um certo modo nos acidentes. As substâncias são divididas em simples e compostas. Nas substâncias simples há essência de modo mais nobre; as compostas são denominadas de “substância segunda” porque compostas de matéria e forma.

No capítulo II do *De ente*, Tomás aborda as intenções lógicas e de como a essência se encontra nas substâncias compostas de matéria e forma.

Tomás nega que a essência seja somente a matéria, pois a essência é o que torna algo cognoscível, enquanto a matéria, por ser um princípio potencial, não é princípio de conhecimento e nem determina o gênero e a espécie de algo. E embora a forma seja o princípio que determina a matéria, a essência também não se encontra nela somente, pois a essência é o que é significado na definição da coisa, e as definições das substâncias naturais contém não apenas a forma, mas também a matéria. Uma terceira

concepção é a de que a essência procede da relação matéria e forma como algo externamente acrescentado, porém isso faria com que estes princípios tornassem acidentes no ente, e nenhuma essência pode ser acidental ao ente. Assim, Tomás de Aquino (1995, p. 18) conclui que a essência nas substâncias compostas compreende a matéria e a forma e não apenas um destes princípios isoladamente.

Do parágrafo 17 ao 29 (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 19 – 29), Tomás discorre sobre o princípio de individuação a fim de determinar aquilo pelo qual um indivíduo é distinto de outro, mesmo que ambos sejam da mesma espécie. Para o Aquinate, a matéria é princípio de individuação. Porém, ele se vê diante de um problema, pois poder-se-ia inferir que a essência, por compreender matéria e a forma, seria apenas particular e não universal. Tomás, para resolver tal questão, distingue dois tipos de matéria: a assinalada, considerada sob dimensões determinadas, e a não assinalada. A matéria assinalada é o que constitui o princípio de individuação, enquanto a matéria não assinalada é aquela que entra na definição. Isso se dá porque a matéria, em si, é absolutamente indeterminada e, somente quando vem a ser determinada pela forma, adquire dimensões determinadas, conferindo individualidade à substância. Por essa razão, Tomás afirma que a matéria assinalada não entra na definição de homem enquanto homem, mas entra na definição de Sócrates.

A implicação gnosiológica que pode ser observada disso é a capacidade que o intelecto possui de abstrair as notas individuantes presentes em um indivíduo particular, até chegar à sua essência, isto é, aquilo que é comum em todos os indivíduos da mesma espécie. A noção de matéria não assinalada, por exemplo, é concebida pela ação da faculdade intelectual de abstrair as características particulares da matéria assinalada, sem ser, no entanto, uma total exclusão destas notas (KOVAS, 2011, p. 164).

No parágrafo 18 do capítulo II, Tomás (1995, p. 20) trata das intenções lógicas, isto é, as noções de gênero, espécie e diferença. De homem, por exemplo, pode-se predicar segundo o gênero (animal), segundo a espécie (homem) e segundo a diferença (racional). A essência de homem e a essência de Sócrates diferem segundo o assinalado e o não assinalado, como também a essência do gênero e a essência da espécie.

Relação entre a essência e as intenções lógicas

No capítulo III, Tomás passa a analisar como a essência se relaciona com as intenções lógicas de gênero, espécie e diferença, e expõe três modos de conceber tal relação.

O primeiro ponto que Tomás destaca é a impossibilidade das intenções lógicas se relacionarem com a essência enquanto esta é designada a modo de parte. As intenções lógicas são predicadas diretamente aos singulares assinalados (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 29), por exemplo, a Sócrates. E a essência destas substâncias compostas, tomada como se fosse parte, não poderia ser predicada a uma substância particular. Tomás, então, citando Avicena, afirma que a racionalidade, tomada como parte, não é a diferença, mas o princípio da diferença e, de maneira semelhante, a animalidade não é gênero, mas princípio de gênero.

O Aquinate também nega que a essência seja separada dos singulares, isto é, existindo por si mesma, como os platônicos sustentavam, pois assim, o gênero e a espécie não se predicariam de um indivíduo concreto. Tomás, então, postula uma terceira forma de conceber a relação das intenções, afirmando que a noção de gênero e de espécie cabe à essência ao modo de todo, ou seja, as intenções lógicas (gênero, espécie e diferença) contêm implicitamente o todo que é o indivíduo concreto.

Tomás busca identificar a essência absolutamente considerada com o universal, que é definido como aquilo que, sendo um, se predica de muitos. Como é sabido, a questão dos universais suscitou diversos problemas e por isso foi tomada como um dos principais objetos de reflexão dos filósofos medievais.

O Aquinate distingue, então, a essência absolutamente considerada (*absoluta consideratio*) da essência considerada de acordo com o ser que tem nisto ou naquilo. Considerar a essência de modo absoluto é considerá-la sem qualquer característica accidental, por exemplo, a racionalidade cabe à essência de homem enquanto é homem, mas não a brancura que é apenas uma de suas propriedades accidentais. A essência tomada absolutamente é una ou várias? Para Tomás, nenhum dos dois pode ser admitido, uma vez que ambos podem advir-lhe (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 30). Se a pluralidade pertencesse ao conceito de homem, não poderia ser una, sendo que é

una enquanto se encontra em Sócrates; e se fosse una, não poderia predicar-se de Sócrates e Platão.

Somente tomada do segundo modo é que os aspectos acidentais de um indivíduo podem ser ditos da essência, por exemplo, se diz que homem é branco porque Sócrates é branco.

O conceito de natureza humana, por exemplo, tem no intelecto um ser que é abstraído de toda e qualquer nota individualizante, isto é, não leva em conta os aspectos acidentais pertencentes a um indivíduo, como altura, cor, personalidade etc. Deste modo, o intelecto tem uma noção uniforme de natureza humana que pode ser aplicada a todos indivíduos que estão fora da alma, na medida em que é semelhante a todos e leva ao conhecimento de todos enquanto são “homens”. Assim, uma vez dada essa relação com todos os indivíduos, o intelecto concebe a noção de espécie.

Tomás, em seguida, aponta o erro de Averróis ao afirmar a unidade do intelecto. O argumento de Averróis, exposto sumariamente por Tomás⁸, consiste em afirmar que, uma vez que os conceitos são universais, o intelecto também o é, e se o intelecto é universal é igualmente uno para todos os homens. Além disso, como os conceitos poderiam ser universais se o intelecto é particular? Como seria possível que o universal existisse no particular? Tomás, então, responde que a universalidade da forma não se dá de acordo com este ser que tem no intelecto, mas se refere às coisas como uma semelhança das coisas (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 33).

A essência nas substâncias separadas

No capítulo IV, Tomás tece uma série de considerações sobre a essência nas substâncias separadas: na alma humana, nas inteligências e em Deus.

As substâncias separadas são independentes da matéria, são formas puras. São denominadas também de substâncias simples ou espirituais. Alguns filósofos, como Avicébron, defendiam a tese segundo a qual as substâncias separadas, como a inteligência e a alma, eram compostas de matéria e forma. Tomás, no entanto, sustenta que toda substância intelectual é imaterial e demonstra isso evidenciando o fato de que as formas só são inteligidas em ato na medida em que são separadas da matéria e de

⁸ Posteriormente, em 1270, Tomás escreverá outro opúsculo, *Da unidade do intelecto contra os averroístas*, dedicado a resolver tal problema de modo mais aprofundado.

todos seus condicionamentos particulares. Essa operação, que separa a forma da matéria, é realizada por uma substância intelectual. Consequentemente, essa substância intelectual deve ser imune de matéria, pois o que age sobre uma coisa imaterial deve ser imaterial, porque um agente não pode ser menos nobre do que seu efeito, ou seja, apenas uma coisa imaterial pode ser recipiente do imaterial. Embora admita-se que as substâncias separadas não são compostas de matéria e forma, pode-se afirmar que elas são compostas de forma e ser (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 36).

Tomás argumenta que numa relação de coisas em que uma seja a causa da outra, a que tem a razão de causa tem sua existência sem precisar da outra, isto é evidente uma vez que a causa é independente do causado. O mesmo acontece na relação entre matéria e forma, pois é a forma que dá ser à matéria (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 37). Desse modo, é impossível que a matéria exista sem qualquer forma, mas a forma pode existir sem a matéria.

Na metafísica aristotélica o ato é concebido como anterior à potência e independente dela (ARISTÓTELES, *Metafísica IX*, 8, 1049b). A forma é considerada essencialmente ato e a matéria, potência. Assim, tomando tais princípios aristotélicos como pressupostos, Tomás conclui que a forma, na sua própria natureza, não depende da matéria. E a matéria, sendo essencialmente potência, depende da forma para ser, como a potência depende do ato. No entanto, é fato que há algumas formas que não podem existir senão em composição com a matéria, mas isso ocorre, segundo Tomás, na medida em que estão afastadas do primeiro princípio, o ato puro. Tomás conclui então que as substâncias intelectuais são imateriais, pura forma (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 37).

Nesse contexto, para que haja conhecimento intelectual é necessário certo grau de imaterialidade por parte do objeto e do sujeito. Nesse sentido, Hugon afirma: “Uma bela e profunda psicologia estabelece que o conhecimento está em razão direta da imaterialidade. Conhecer é receber em nós a forma de um outro objeto, conservando-se inteiramente a nossa forma própria” (HUGON, 1998, p.158).

Há importantes diferenças entre a substância formal e a material em relação às suas essências. Como Tomás destacou, a essência na substância composta compreende matéria e forma, enquanto na substância simples a essência é apenas a forma. Pelo fato de as essências dos seres compostos serem instanciadas na matéria designada, elas se

multiplicam de acordo com a divisão desta, de modo que essa é a razão de haver espécies iguais e diversas em números. No entanto, a essência da substância simples não é instanciada na matéria e por isso não pode haver uma tal multiplicação como na essência da substância composta. Por isso, pode-se concluir que na substância simples não se encontra vários indivíduos da mesma espécie, “[...] mas tantas são as espécies quanto forem os indivíduos” (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 39).

Estabelecida a existência de formas que subsistem sem a matéria, isto é, de substâncias simples, Tomás irá afirmar que tal simplicidade não é absoluta e nem que tais substâncias são ato puro; mas que possuem, de certa forma, uma mescla de potência (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 39). Surge, então, o problema de demonstrar como pode haver potência nas substâncias separadas uma vez que elas são formas puras e destituídas do único princípio potencial que é a matéria. Tomás argumenta que é evidente que tudo aquilo que não entra no conceito de uma essência vem de fora, entrando em composição com a essência. Além disso, é perfeitamente possível conceber qualquer essência sem que se conceba algo a respeito do seu ser, isto é, se existe ou não; por exemplo, posso conceber o conceito de unicórnio mesmo sem saber se tal ser existe de fato na realidade. Ora, sendo assim, é claro que o ser (*esse*) de algo se distingue da sua essência (*essentia*), exceto no caso de existir um ser cuja própria essência é ser (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 39 - 40).

Do exposto, observa-se que há dois tipos de composições referidas ao gênero da substância: matéria e forma, e essência e ser. E assim como os princípios de matéria e forma estão relacionados com os de potência e ato, assim também essência e existência estão relacionadas a potência e ato. Toda essência finita é concretizada na realidade pelo fato de adquirir existência (*esse*) e, por essa razão, pode-se dizer que a essência está para a existência assim como a potência está para o ato (JOLIVET, 1965 p. 233).

Algumas coisas são produzidas a partir de princípios intrínsecos ao próprio ser, como o rir no homem, e outras são produzidas a partir de algum princípio extrínseco. Ora, uma coisa que não possui o ser como essência, não pode dar a si mesmo o seu ser, pois para isso teria que ser causa de si mesmo, o que é impossível uma vez que teria que existir antes de existir; além disso, uma coisa não pode dar o que não tem. Desse modo, é preciso que tudo o que não possui o ser como essência, passe a ser a partir de outro e, como não é possível retroceder ao infinito nesta relação de causa e efeito, é necessário

que haja uma causa primeira que confere ser a todos os entes contingentes: esta causa é Deus.

A substância simples e os acidentes

No capítulo V do *De ente*, Tomás passa a analisar outros atributos dessa causa primeira, Deus. Por se tratar de um opúsculo, Tomás não avança no tema da teologia natural, pois isso será feito em suas grandes obras como a *Suma Teológica* e a *Suma contra os Gentios*. O Aquinate destaca, por exemplo, que Deus, por ser dotado de simplicidade absoluta, é sua própria essência e sua individuação se dá por sua bondade pura. Deus é possuidor também de todas as perfeições e excelências (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 45).

Como foi estabelecido que as substâncias intelectuais não são compostas de matéria e forma, mas de forma e ser, Tomás esclarece como se dá tal distinção. Ora, uma vez que são criadas, o seu ser não é absoluto, mas é recebido e, portanto, como participante do ser (*participans esse*), consta de ato e potência (MANSER, 1947, p. 470). No entanto, a sua essência é absoluta porque não é recebida em alguma matéria pois, como se sabe, a matéria é princípio potencial e limitante. E dado que a matéria é princípio de individuação, nas substâncias intelectuais não há pluralidade de indivíduos de uma só espécie senão na alma humana, e porque ela está unida ao corpo, a sua individuação não perece quando o corpo corrompe (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 46).

No capítulo VI, Tomás retoma o que havia dito no capítulo I do *De ente*: investigar o que são os acidentes e como a essência se encontra nele.

Como a essência consiste naquilo que é significado pela definição, é preciso que os acidentes tenham essência bem como tem definição. Porém, como os acidentes não existem por si, mas dependem ontologicamente da substância, eles possuem uma essência incompleta. Ora, aquilo que é concebido como máximo e verdadeiro num gênero é causa daqueles que são inferiores. E como a substância é primeiro no gênero do ente, é necessário que a substância seja causa dos acidentes que integram o ente. Além disso, Tomás observa que, tanto a forma substancial quanto a matéria, não

possuem uma essência completa, uma vez que na definição da forma substancial é necessário que seja posto aquilo de que é forma (TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 50).

Como a matéria designada é o princípio de individuação, aos acidentes que derivam da matéria cumpre o papel fundamental de diferenciar os indivíduos da mesma espécie.

Considerações finais

O opúsculo *De ente et essentia* mantém sua relevância para filosofia do Aquinate, sobretudo enquanto fonte para compreender os fundamentos de sua metafísica. Pode-se dizer que as teses filosóficas apresentadas por Tomás nessa obra irão confluir com toda sua filosofia e sua teologia.

Sobre o ente pode-se dizer que há dois modos de concebê-lo: no primeiro modo, o ente é o que é dividido em dez gêneros, e no segundo modo, o ente significa tudo aquilo a partir do qual se pode formar uma proposição. Ente se predica primeiro das substâncias e, de certo modo, dos acidentes.

A essência significa algo comum a todas as naturezas, pelas quais os diversos entes são colocados em diversos gêneros e espécies e ela somente deriva de ente dito do primeiro modo. Só há essência verdadeiramente nas substâncias compostas e simples, e somente de um certo modo nos acidentes. Nas substâncias simples, isto é, nas que não possuem matéria, há essência de modo mais nobre; e nelas, como não possuem matéria, a essência compreende apenas sua forma. Por outro lado, a essência nas substâncias compostas compreende tanto a matéria quanto a forma e não apenas um destes princípios isolados. Nas substâncias simples não há multiplicidade de indivíduos da mesma espécie, mas tantas são as espécies quanto forem os indivíduos. Há essência nos acidentes, porém, como os acidentes dependem da substância para existir, a essência que se encontra neles é incompleta.

A matéria assinalada é estabelecida como princípio de individuação. Sócrates e homem, por exemplo, diferem pelo assinalado e o não assinalado. As intenções lógicas (gênero, espécie e diferença) contêm implicitamente o todo que é o indivíduo concreto.

A essência pode ser compreendida sem que se conceba nada a respeito do seu ser ou existência, por essa razão a existência se distingue da essência. Nos entes

contingentes, isto é, aqueles que não possuem a existência como sua essência, a existência é recebida por intermédio de outro ente. Assim, Tomás conclui a necessidade de existir um ser que seja causa da existência de todos os outros, pois ao contrário se regrediria ao infinito. Este ser é Deus, ato puro, causa primeira de todos os entes finitos.

Nas substâncias intelectuais, mesmo que não haja composição de matéria e forma, elas constam de ato e potência, uma vez que o ser delas é recebido, ou seja, é causado por outro. Por mais que sejam pura forma, elas não são ato puro.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969

AVICENA (Ibn Sina). *Metafísica* (I, 6, 72b, A). IN: TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. Edição bilingue. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

BERTI, Enrico. **As Razões de Aristóteles**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1998.

GILSON, Étienne. **A existência na filosofia de S. Tomás**. Tradução de Geraldo Pinheiro Machado; Gilda Mellilo; Yolanda Balcão. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

_____. *Elementos de una metafísica tomista del ser*. Trad. Pedro Javier Moya Obradors. **Espíritu** 41 (1992), 5 – 38.

_____. **El Tomismo**. Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951.

_____. **O ser e a essência**. Trad. coordenada e revista por Carlos E. Oliveira e Cristiane N. A. Ayoub. Coleção Filosofia Medieval. São Paulo, Paulus, 2016.

HUGON, Édouard. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino**. Tradução de D. Odilão Moura O. S. B. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

JOLIVET, Régis. **Tratado de filosofia III: Metafísica**. Tradução de Maria da Glória Ferreira Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

KENNY, Anthony. **Aquinas on being**. New York: Oxford University Press, 2002.

KOVAS, João Evangelista. *O De Ente et Essentia de São Tomás de Aquino (§§ 1-19): uma comparação com o livro Z da Metafísica de Aristóteles*. **Dissertação de Mestrado**. (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento. São Paulo, 2011.

KNASAS, John F. X. **Being and Some Twentieth-Century Thomists**. New York: Fordham University Press, 2003.

MANSER, Gallus. **La esencia del Tomismo**. Tradução de Valentín García Yebra. Madrid: CSIC, 1947.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Tradução e notas*. IN: GILSON, Étienne. **O ser e a essência**. Tradução coordenada e revista por Carlos E. de Oliveira e Cristiane N. A. Ayoub. Coleção Filosofia Medieval. São Paulo, Paulus, 2016.

OWENS, Joseph. *Aristotle and Aquinas*. In: KRETZMANN, Norman & STUMP, Eleonore (editors). **The Cambridge Companion to Aquinas**. Cambridge University Press, 1993.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: patristica e escolástica**. Vol. 2, 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Luiz Fernando dos; FERNANDEZ, Daniel Lipparelli. *O Ser em São Tomás de Aquino*. **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v.2, n.2, p. 51-64, jul./dez. 2012.

TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

_____. **Suma de Teologia**. Tradução de Aimon-Marie Roguet et all. São Paulo: Edições Loyola, 2001, v. I a VIII.

TORRELL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2004.

WIPPEL, John F. **The Metaphysical Thought of Thomas Aquinas: From Finite Being to Uncreated Being**. Washington D.C., The Catholic University of America Press, 2000.